



## **GOOD MORNING, AMERICA!**

Durante muitos anos, para não dizer durante toda a minha vida, desde a adolescência, pensei, e continuo, aliás, mitigadamente a pensar, que quanto à divulgação da música Rock, Portugal possui uma das melhores Rádios do Mundo. Sem pretensão, e se o Mundo for o que conhecemos.

Quando fui viver para França, mais exactamente, para Paris, nos, como se diz por aí, idos de 69, a minha decepção foi total em relação à Rádio francesa. Não só as emissoras, no que respeita a esta música, eram muito más, como a própria abordagem da música, salvo uma ou outra excepção, era, diriam os franceses, **dégueulasse**. A própria incapacidade cultural dos locutores para dizerem ou sugerir os nomes dos grupos de língua inglesa (que eram todos), ou dos títulos das canções, fazia desde logo desanimar o ouvinte como eu que vivera 21 anos num país onde se sabe (ou se sabia) línguas estrangeiras. Ficava perplexo, pois nunca sabia, de antemão, qual o grupo que iria ouvir. Era-me necessário conhecer o som, para poder localizar o grupo, o disco, etc.

Em Inglaterra, o fenómeno era um pouco semelhante ao de Portugal. Mas, mesmo assim, e embora, poder-se-ia dizer, jogando em casa, ou em metade da casa, que a outra fica no outro lado do Atlântico, os programas, para mim, não eram tão bons, porque se apostava forte no último disco do grupo e, assim, um pouco como acontece agora em Portugal, passava-se os dias a ouvir as últimas novidades da indústria discográfica. Programas especiais ou especializados, temáticos ou outros, nunca ouvi no Inverno de 74/75, em Londres.

Havendo, pois, em Portugal, uma Rádio Comercial de grande nível musical (e, por vezes, de autêntica inspiração), com programas a todos os níveis excepcionais, pensava eu que comandávamos no Mundo a transmissão da música Rock. Só que o Mundo era mais vasto. Vim para Santa Bárbara, Califórnia, U.S.A., para definitivamente descobrir o verdadeiro sentido dessa

música, numa ou duas emissoras da cidade. A grande diferença, em relação a Portugal, é que aqui tem-se plena consciência do fenómeno Rock, não porque as pessoas sejam mais inteligentes, mas, sim, porque vivem, como se nada fosse, muito naturalmente, o que outros recebem como importação. Não se trata mais de música como fenómeno cultural, mas de um dia a dia musical feito de todos os contributos para o tesouro Rock. A consciência dos ouvintes deve-se, profundamente, à inconsciência das coisas que lhes surgem adiante. E surgem-lhes, ao ouvido, não o último **hit**, ou não só, mas uma intemporalidade, uma rarefacção do ser, quando a canção de ontem aparece ao lado da novidade. Esta abordagem dá ao ouvinte a sensação de um gozo inerente ao «déjà vu», como da fruição inerente a rupturas veiculadas pela justaposição de tendências musicais. Para os sentidos ou, pelo menos, para os meus sentidos como para o meu corpo – sem esquecer o que **disso** há de espírito – não há melhor!

Uma emissora, por exemplo, faz assim: passa grupos de seis canções, sem interrupção, «a block of six in a row», como eles dizem, revelando ao público o nome das canções e dos grupos só no fim. O problema ou, melhor, já de que problema não se trata, o fascínio e o encanto, é que o ouvinte se apercebe imediatamente que com aquelas seis canções, onde aparecem **hits** ou clássicos de diferentes anos, desde os começos de 60, nada há de acaso ou de poéticas correspondências quando se logra criar um clima, uma atmosfera, um tempo de memória ou de existência, uma suspensão estética e extática que nunca me foi dado testemunhar outrora. Daí essa como que intemporalidade de que falava há pouco. Passar, como se nada fosse, sem complexos de preconceitos, e muito sub-repticiamente, com inteligência e um profundo conhecimento da matéria (onde se perfilam estilos e sons e tendências e temas e vozes, etc.), de uma canção genial dos Beatles de 68 para um truculento Tom Petty de 80, continuando pela maravilha quase ontológica de um já datado Van Morrison, para que finalmente um Springsteen do começo culmine nos Simple Minds do último disco, deixa-me exausto de vida (da geralmente não vivida, mas sonhada) e de pletórico consolo. Fica-se com a sublime e arrepiante sensação de que, operando pelas seis canções, se ouviu, não a história histórica do Rock, mas a música Rock na sua essência e plenitude, uma estranha metafísica do SOM (se isso for possível).

Sábados e domingos, isso sim, são dedicados, de uma maneira geral, em algumas emissoras, à História do Rock (aqui a maiúscula impõe-se!). E logo com uma furiosa profusão de dados, que vão de datas de gravação aos

diversos **faits divers** que me passaram completamente despercebidos na altura. Para mim, que comecei com o Elvis aos dez anos, de ouvido pespegado na rádio arcaico da família, ou no já moderno exemplar que existia no tasco em frente da minha casa, para mim, dizia (desculpem-me lá a retórica, mas tem mesmo que ser assim!), é um tal suceder de canções que fizeram sucesso neste país e que nunca ousaram ou souberam passar pelas nossas plagas. Não sei porquê. Talvez se trate de êxitos regionais (a América é tão grande!), talvez que se trate da minha deplorável memória. Também gosto destes programas, sobretudo quando se vai numa auto-estrada a 55 milhas ou mais à hora, revivendo pela primeira vez ou segunda o que nunca, por impossibilidade física e fatal do destino, se viveu (poderei acrescentar: «realmente»). Todo o corpo vibra de uma nostalgia ao contrário (you know what I mean?!), e a alma alonga-se espreguiçadamente até ao infinito do que é, por sinal, sonoro e sem limites: uma canção, uma simples canção.

Para finalizar: esta malta, compreendo eu agora, viveu tudo isto de uma maneira diferente da minha, português, europeu, desconhecendo quase a língua inglesa (que são os três anos de inglês no Liceu, quando nos falta tudo o mais – a referência, o trocadilho, o calão, a perspectiva – aí incluindo, claro está, o Mito?).

E, no entanto, e mesmo assim, e apesar de tudo, quando ouço a química (como eles dizem) daquelas seis canções mágicas de memória e de presença, acho-me a sentir que esta música foi minha, para mim, a seiva intelectual onde me reconheci único e de onde brotei homem, delidas agora as fronteiras da contingência como da gratuidade como da história. De tal maneira que, outro dia, vindo no meu carro de um desses passeios míticos, ao ouvir uma canção «country» na versão extraordinária de Willie Nelson, chamada «Good Morning, America», todo eu me comovi por dentro ao ponto de chorar por fora o que os olhos não ousavam (com medo de um despiste), sentindo-me, pela primeira vez, e não é brincadeira, deste mundo, desta terra e deste imaginado país.

Santa Bárbara, Califórnia  
Abril/1986

(in Blitz, 27.5.86)

Na realidade, o título da canção é “City of New Orleans”, de Steve Goodman, escrita por volta do ano 1971, e que teve vários covers, entre os quais o de Willie Nelson. Good Morning, America faz apenas parte do seu refrão.